**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS**

**LCF 0679 – Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal**

Maria Eduarda B. Burgareli

Nº USP: 9851420

Elaboração de um texto que expressa minha utopia.

**Segundo Thomas More, utopia** é a ideia de**civilização ideal, fantástica, imaginária**. É um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho. Do grego “ou+topos” que significa “lugar que não existe”.

Para mim, utopias não se limitam somente a ideias, mas também a sentimentos. Com isso, o “Amor Perfeito” é uma das minhas grandes utopias.

Muitos escritores como: Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare e Vinicius de Moraes expressam em suas obras histórias que mostram suas diferentes visões de “Amor Perfeito”.

Shakespeare em seu romance Romeu e Julieta diz: *“*Amor! Vida! Não vida, amor na morte.”, (pag.105), de acordo com Vinícius de Moraes para que fosse possível vivermos um grande amor era preciso “Muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.” Carlos Drummond de Andrade em suas citações dizia que “amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos. Não devemos deixar o amor passar.”

Afinal, o que é o amor? O que esperamos dele? Podemos encontrar o amor verdadeiro, o amor eterno?

Caterina Koltai cita em suas palestras a mudança do ideal do amor entre épocas. Ela mostra, por exemplo, o caso do relacionamento homossexual na Grécia antiga, ela diz que na Grécia antiga o amor entre homens respeitava um conjunto de regras que refletia os valores específicos daquela sociedade. O relacionamento entre homens de mesma idade era mal visto. Um homem mais velho, mais culto, de maior status social deveria se relacionar com alguém que lhe fosse inferior nesse quesito.

Além disso, cita o amor cortês muito presente na idade média e no renascimento, amor o qual tinha por razão de ser que a sua amada ou seu amado fossem inatingíveis e dessa forma a distância fazia com que o poeta produzisse ótimas obras amorosas

Passando histórias dos relacionamentos amorosos e analisando como em cada época a nossa sociedade viveu o seu ideal de amor perfeito. No mundo pós-Revolução Francesa, o casamento deixou de ser apenas um ato político ou comercial, o amor começou a fazer parte dos contratos matrimoniais. Recentemente, nos anos 60, a contracultura, com seus ideais de amor livre, negou a regular instituição familiar. E ainda a revolução sexual feminina transformou o papel de mulheres e homens. Depois de tantas mudanças, no meu ponto de vista, creio que a sociedade está cada vez mais perto de entender o que é o “Amor Perfeito”.

Não me refiro somente ao amor entre um casal, mas também entre amigos, família, o amor materno e a empatia com os próximos. O amor em minha concepção é capaz de mudar a vida das pessoas, mudar os caminhos a serem seguidos, é um sentimento que transforma!

Quando todos entenderem o real sentido do “Amor Perfeito”, que é o amor que Jesus Cristo nos mostrou, nossa sociedade tomará novos rumos, pois não estaremos somente preocupados com nós mesmos, mas também com o próximo e assim nossa sociedade se transformará.

O amor não pede resposta, a reciprocidade que procuramos tanto no amor é uma ilusão, uma utopia de perfeição. O amo é o que é, não é o mesmo para ninguém, cada um o sente e o expressa de uma forma diferente portanto, quando tentamos buscar essa resposta ou até mesmo a reciprocidade que tanto procuramos em nossos relacionamentos estamos procurando por algo sem resposta e assim não conseguimos as encontrar.

Podemos citar o período atual que nossa sociedade se encontra para falar sobre um pouco das diferentes perspectivas de amor em diferentes épocas vividas. Estamos em um período onde o amor não é valorizado, em nossas relações não existe carinho, empatia e sim o que é visto é “o que EU preciso?”, “o que EU tenho que fazer?”, “o que EU quero para a MINHA vida?”, em momento algum para-se para pensar no que o outro precisa, o que EU posso fazer para melhorar seu dia e até mesmo sua vida, o que ELE está buscando nessa caminhada. Acredito que a empatia é uma das maiores formas de demonstração de amor para com o nosso próximo, além disso as relações amorosas entre casais não são mais condicionadas pelos mesmos motivos de outras épocas, convém lembrar que, até o início do século passado, os relacionamentos afetivos eram, em geral, rigidamente controlados pelos ordenamentos coletivos. A família, a igreja, a etnia e até o Estado impunham suas normas à maneira como homens e mulheres podiam se relacionar. A liberdade para amar quem desejamos, com base apenas na atração mútua, começou a surgir há pouco mais de meio século e, em muitas partes do planeta, ainda é desconhecida. Hoje em dia atrevo-me a dizer que somos “livres” para procurar nossos relacionamentos, nos envolver e também temos a liberdade de decidirmos se queremos ou não isso para a gente, não somos obrigados a casar com alguém pois o casamento foi arranjado ou por interesses familiares.

E é assim que o amor deve ser: Livre!

Segundo Bruckner, os dois grandes desafios das relações atuais são o tédio e as tentações. A sociedade contemporânea é individualista e de acordo com seus pensamentos a mesma está "dividida entre o ideal de fidelidade e o apetite de liberdade", ambos sofrendo de um problema em comum: pretensões intangíveis sobre si mesmo e sobre o outro. Em entrevista à Época, Bruckner citou:

"Erigimos o amor e a felicidade como valores absolutos e nos desesperamos de não vivê-los absolutamente. No fundo, há uma desmesura nas sociedades ocidentais no desejo de ser feliz e de ser apaixonadamente amoroso. A felicidade e o amor são dois valores do cristianismo. É intrigante observar como em nossas sociedades modernas, largamente descristianizadas, sobretudo na Europa, os valores do cristianismo continuam a ser dominantes. Há uma bela expressão de G.K. Chesterton (escritor inglês do começo do século XX): 'O mundo moderno é repleto de antigas virtudes cristãs, tornadas loucas'.